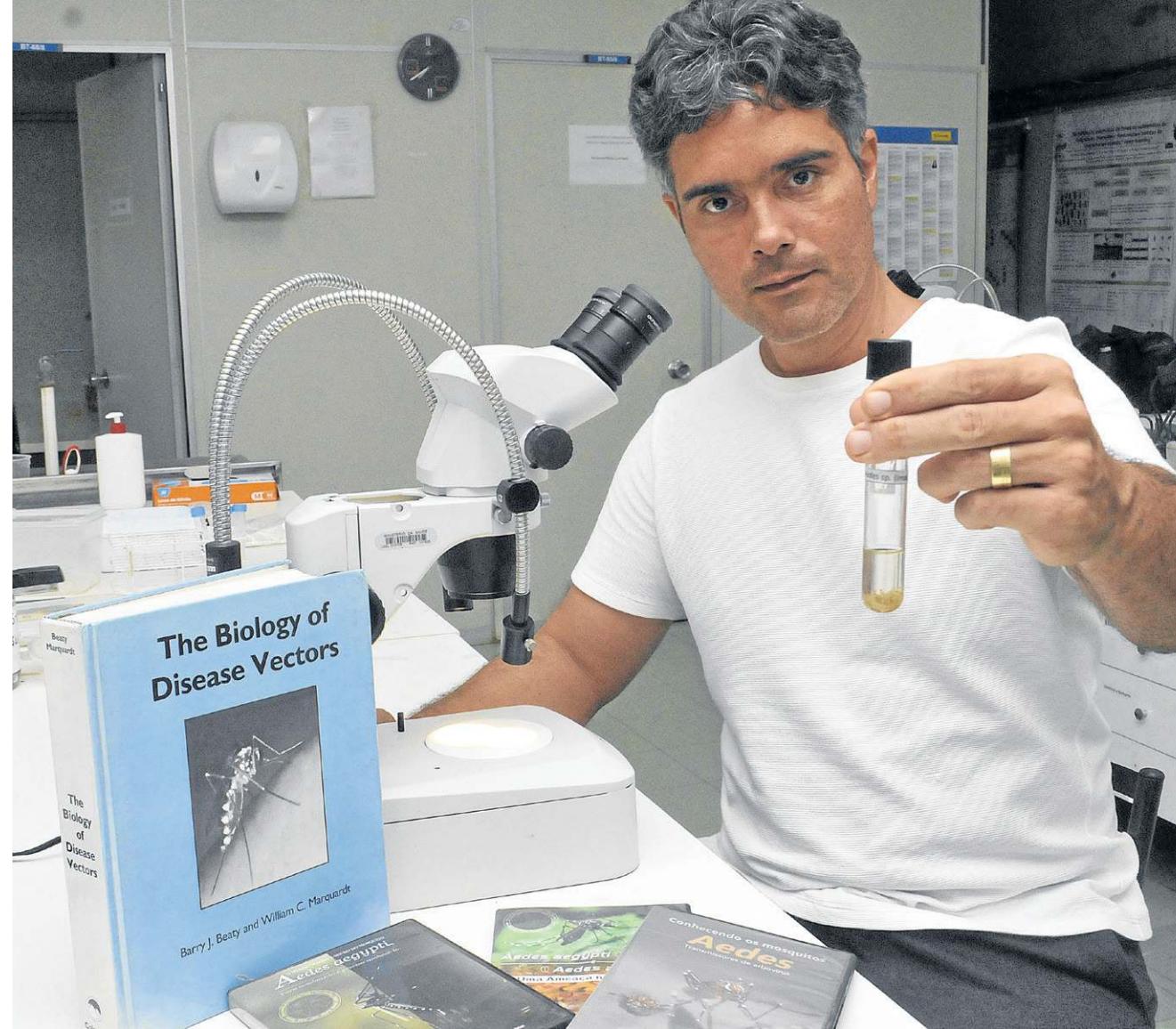


## DENGUE

Com calor intenso e chuvas frequentes, ciclo do mosquito se acelera, o que pode aumentar a contaminação. Apesar da redução de casos em 2025, especialistas alertam que os picos da doença não ocorrem da mesma forma todos os anos

# Verão exige atenção redobrada

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O professor Rodrigo Gurgel, da UnB, ressalta que a temperatura exerce influência direta sobre o desenvolvimento do mosquito

não apenas das condições climáticas, como temperatura e volume de chuvas, mas, também, do tipo de vírus da dengue que está circulando na população.

“As variações nos casos não acontecem exclusivamente por causa do clima. Quando saímos de uma epidemia, por exemplo, há uma redução natural dos casos, independentemente das condições climáticas”, detalha.

O biólogo destaca que o aumento das chuvas e do calor é suficiente para gerar um maior número de mosquitos, mas isso não significa, necessariamente, mais vírus circulando. Ainda assim, o cenário é preocupante.

### Prevenção

Liliana Leite, médica especialista em Família e Comunidade e integrante da plataforma de consultas médicas INKI, explica que a prevenção contra a dengue se apoia em três pilares fundamentais: o controle do mosquito, o uso de barreiras físicas e a proteção individual.

“O foco principal é acabar com os criadouros. Qualquer recipiente que acumule água pode se transformar em um ponto de proliferação do mosquito”, ressalta. O uso de telas em portas e janelas também é uma estratégia eficaz, funcionando como uma importante barreira física dentro das residências.

A médica ressalta que no período de calor intenso e chuva, como no verão, a atenção precisa ser redobrada, pois as condições climáticas aceleram o ciclo de vida do mosquito, permitindo que ele se reproduza em menos tempo. Um erro comum, segundo a médica, é subestimar pequenos recipientes. “Uma simples tampa de garrafa esquecida no quintal pode se tornar um criadouro”, alerta.

Nesta época, outro desafio é diferenciar a dengue das vírus típicas do fim de ano. “Nos primeiros dias, os sintomas podem ser semelhantes, mas a dengue costuma se manifestar com febre alta de início súbito, dor de cabeça intensa, dor atrás dos olhos, fortes dores no corpo e nas articulações, além do surgimento de manchas vermelhas na pele”, ressalta.



Com o calor, ciclo completo do Aedes aegypti pode se reduzir para sete dias

A orientação da médica é procurar atendimento médico imediatamente diante de sinais de alerta, como dor abdominal intensa, vômitos persistentes, qualquer tipo de sangramento ou sonolência excessiva. “Mesmo na ausência desses sintomas, grupos mais vulneráveis, como crianças, idosos, gestantes e pessoas com doenças crônicas, devem buscar avaliação médica logo no início do quadro”, afirma.

Liliana Leite também chama a atenção para a chamada “janela crítica” da dengue, que costuma ocorrer entre o quarto e o sexto dia da doença. “É nessa fase que pode acontecer o extravasamento plasmático, quando o líquido sai dos vasos sanguíneos para outros tecidos. Esse processo pode levar à queda brusca da pressão arterial, choque e hemorragias, tornando o período o mais perigoso da evolução da doença”, explica.

O estudante de doutorado e pesquisador Matteo Taverna, 27 anos, enfrentou a dengue pela segunda vez em março deste ano. A contaminação ocorreu

provavelmente em casa, mas o diagnóstico não foi imediato, já que os primeiros sintomas foram confundidos com possíveis reações à vacina contra a febre amarela, tomando pouco antes de uma viagem ao exterior.

Após a vacinação, Matteo passou a sentir febre, dores de cabeça, dores no corpo e cansaço intenso. Os sintomas se estenderam por cerca de 10 dias, o que o levou a procurar atendimento em um pronto-socorro. Na primeira avaliação, o médico considerou a possibilidade de efeitos colaterais prolongados da vacina, informando que eles poderiam durar até 15 dias.

No entanto, uma semana depois, com a persistência do mal-estar, Matteo retornou ao serviço de saúde já com suspeita de dengue e confirmou o diagnóstico. A recuperação foi lenta. Ele conta que apenas cerca de 20 dias após o início dos sintomas passou a se sentir realmente bem.

A experiência mudou a rotina da família. Depois da segunda infecção, Matteo afirma que passou a redobrar a atenção com possíveis focos do mosquito dentro de casa, como vasos de plantas e pedaços de árvores que acumulam água. “Hoje, tenho muito cuidado quando um mosquito chega perto, quase uma paranoíia”, admite.

Apesar de se considerar uma pessoa bem informada sobre a dengue, ele reconhece que, na prática, a prevenção nem sempre acontece como deveria. Para Matteo, ações mais frequentes de fiscalização e orientação nas residências poderiam ajudar. “Talvez visitas mais constantes para verificar água parada tivessem reforçado melhor essas informações na nossa mente”, avalia.

O pesquisador faz um alerta: a dengue não deve ser subestimada. “Não é uma doença simples. No meu caso, não foi grave, mas ela derruba, cansa muito e por bastante tempo. Parece que várias partes do corpo deixam de funcionar”, relata.

Para ele, é fundamental reforçar as estratégias de prevenção e controle, com maior investimento do poder público na disseminação de informações e, principalmente, em ações antecipadas. “A prevenção não pode começar só no pico da transmissão. As visitas e orientações precisam acontecer antes do verão”, conclui.

### Vacina reduz internações

A vacinação contra a dengue é hoje uma das principais estratégias para reduzir internações e óbitos no Distrito Federal. O Governo do Distrito Federal (GDF) reforça que o imunizante não substitui o combate ao mosquito, mas funciona como barreira adicional de proteção, especialmente para crianças e adolescentes, público que concentra maior risco de agravamento da doença. A vacina ajuda a diminuir a circulação do vírus e a pressão sobre a rede pública de saúde em períodos de maior transmissão.

Segundo o GDF, a vacinação na capital segue as diretrizes do Ministério da Saúde e é destinada, neste momento, a crianças e adolescentes de 10 a 14 anos, faixa etária definida com base em critérios epidemiológicos e disponibilidade de doses. O esquema vacinal é composto por duas doses, com intervalo de três meses entre elas. Pessoas fora dessa faixa etária, mesmo que já tenham tido dengue, não estão contempladas na campanha atual, e a Secretaria de Saúde orienta que aguardem novas etapas de ampliação do público.

A vacina está disponível gratuitamente em Unidades Básicas de Saúde (UBSs) distribuídas por todas as regiões administrativas. A lista atualizada dos postos em funcionamento é divulgada nos canais oficiais do GDF e inclui unidades com salas de vacinação regulares, respeitando horários específicos. Para se vacinar, é necessário apresentar documento de identificação e cartão de vacinação. A orientação é que pais e responsáveis procurem a UBS mais próxima e não deixem a imunização para depois, já que a proteção completa só é alcançada após a aplicação da segunda dose.

### Combate

Em relação às ações de combate, o biólogo Israel Moreira afirma que as estratégias de controle da SES são realizadas ao longo de todo o ano, mas são intensificadas no verão. O monitoramento da população de mosquitos é feito por meio de armadilhas, que indicam as áreas com maior infestação. A partir desses dados, equipes de vigilância são direcionadas para os locais prioritários.

Entre as medidas adotadas, também está o uso de drones, que ajudam a identificar criadouros não visíveis a olho nu, a liberação de mosquitos com a bactéria Wolbachia, a instalação de estações com inseticida e outras estratégias integradas. “Hoje, trabalhamos muito mais com monitoramento e prevenção do que com reação. No passado, o foco era apenas o fumacê, que eliminava o mosquito adulto, mas, atualmente, mapeamos as áreas de risco e adotamos estratégias para evitar que ele se multiplique”, conclui.

O professor Rodrigo Gurgel ressalta a autorização como um meio de diminuir a proliferação do mosquito. Ele explica que ambientes urbanos com menos vegetação, mais concreto e maior retenção de calor tendem a favorecer a proliferação do inseto. No entanto, há um limite: temperaturas extremamente altas, acima de 42°C ou 44°C, podem reduzir a sobrevivência do mosquito adulto.

Áreas urbanas densamente construídas apresentam maior correlação com altos índices de infestação e transmissão de dengue. Estudos indicam que a manutenção de áreas verdes nas cidades melhora a drenagem, reduz o acúmulo de água parada e diminui a formação de criadouros, sendo uma estratégia importante de controle do vetor”, detalha.